

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS FELIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**O PROCESSO DE TRADUÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
DA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ-RS**

VICTÓRIA LACKMAN DE MATOS

Feliz, Dezembro de 2018

VICTÓRIA LACKMAN DE MATOS

**O PROCESSO DE TRADUÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
DA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado junto ao Curso Licenciatura em Letras Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Lima Calixto

Feliz, Dezembro de 2018

Victória Lackman de Matos

**O PROCESSO DE TRADUÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
DA CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO DO CAÍ-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Marcelo Lima Calixto (presidente)

Profª. Me. Aline Evers – IFRS

Profª. Dr. Giovani Forgiarini Aiub - IFRS

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Valdori e Zaira, por todo o apoio e incentivo recebido nesses últimos quatro anos. Vocês foram os pilares nesta minha formação. Me ensinaram que ter perseverança e nunca desistir, são conceitos fundamentais.

Agradeço aos meus irmãos Rafael, Israel e Larissa por todo apoio, paciência, conselhos, caronas (por parte do Rafael). Vocês, com toda a certeza do mundo, aliviaram minhas tensões durante esta trajetória. Obrigada pelas inúmeras risadas.

A meu namorado, Fernando, agradeço pela paciência, parceria e aos momentos de descontração. Tu não tens ideia do quanto esses momentos foram importante para mim.

Agradeço ao meu orientador, prof. Marcelo, por desde o início me apoiar, incentivar e acreditar na minha ideia de misturar AD e tradução! Mas não apenas a isso, agradeço pelas risadas, parceria, confiança e palavras de conforto nos momentos em que me perdi. Serei eternamente grata por tu teres caminhado comigo neste momento tão importante!

Agradeço, também, a todos os professores do IFRS – Campus Feliz por todo o aprendizado e dedicação nestes últimos anos. Vocês, com suas sementinhas, plantaram em mim esperança, sabedoria, confiança e inspiração.

Deixo um agradecimento especial para as professoras Cimara e Gláucia que me instruíram e acreditaram em mim neste último ano. Vocês surgiram na minha vida no momento exato e agradeço pelas reuniões, pelas trocas de conhecimento, principalmente sobre tradução. Este trabalho não seria possível sem vocês.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus amigos e às colegas Karine e Natália por todas as trocas, aprendizagens, risadas e, claro, não se pode esquecer do desespero nos últimos momentos antes das entregas de trabalhos. Vocês contribuíram na minha formação pessoal e profissional. Serei eternamente grata a isso!

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade analisar trechos traduzidos por professores da rede pública da cidade de São Sebastião do Caí-RS, da música *I'm yours* do cantor americano Jason Mraz e relacionar com os estudos tradutórios e discursivos. Para este trabalho se considerou a teoria da Análise do Discurso de Pêcheux e duas linhas de pesquisa da Teoria da Tradução: palavra-por-palavra e equivalência. Tendo em vista que o sujeito é interpelado em ideologia e inscrito na história, inserido em condições de produção que o impulsionam a dizer de uma forma e não de outra, ao traduzir, este sujeito irá apresentar suas marcas ideológicas, já que se acredita que, por mais que o sujeito tente, cuidadosamente, seguir por uma perspectiva da tradução palavra-por-palavra, ou seja, que visa a fidelidade, em algum momento de descuido irá traduzir de forma a deixar transparecer seu posicionamento ideológico. Além disso, este tipo de tradução causa, muitas vezes, uma produção de sentido outra, no deslize tradutório, devido a este “policiamento” que, muitas vezes, escapa ao sujeito. Também, se entende, que por se tratar de línguas distintas, ao traduzir, nem sempre é possível fazê-la por uma perspectiva fiel, sendo que muitas vezes o processo de tradução se dá de forma decodificada e transformada, na forma mais coerente possível na língua alvo, como é o processo de tradução por equivalência. Para tanto, acredita-se que a tradução nunca é fiel, uma vez que cada sujeito possui suas particularidades e o processo de escrita e tradução se dão de modo distintos, resultando em diferentes interpretações.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa; Análise do Discurso; Tradução;

ABSTRACT

This work has the objective to analyze translated excerpts from the song "I'm yours" from the American singer Jason Mraz, and relate it to the theories of Translation and Discourse Analysis. For this work was considered the theory of Discourse Analysis and two perspectives of the Translation's studies: word-for-word and equivalence. In this paper it is believed that the subject is interpellated in ideology and inscribed in the history, inserted in conditions of producing that impulse the subject to speak in one way and not another one and, in the act of translating, this subject will presents, unconsciously, his ideological position, since it is believed that no matter how much the subject tries, carefully, to follow a perspective of a word-for-word translation, in other words, that aims the fidelity, at some point of carelessness, will translate in order to show its own ideological position. Besides that, this type of translation causes, many times, another meaning, because of this "policing" that escapes to the subject. Also, it is understood that because they are different languages when translating, it is not always possible to do it from a fidelity perspective and that the translation process is often done in a decoded and transformed form, in the most coherent way possible in the language, as is the equivalence translation process. For this, it is believed that the translation can never be in a fidelity perspective, since each subject has its own peculiarities and the process of writing and translation occur in different ways, resulting in different interpretations.

KEYWORDS: English Language; Discourse Analysis; Translation;

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	40
Quadro 2	43
Quadro 3	46
Quadro 4	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 ANÁLISE DO DISCURSO: HISTÓRIA	12
2.1 Língua, Ideologia, Formação Discursiva, Formação Imaginária, Sujeito: breves considerações	14
2.2 Sentido, História, Condições de Produção, Discurso.....	18
3 HISTÓRIA DA TRADUÇÃO: UM RESUMO	20
3.1 O processo de tradução nas aulas de inglês	24
3.1.1 O ato de traduzir na aula de Inglês	24
3.1.2 Perspectivas da tradução: tradução palavra-por-palavra x tradução por equivalência	26
3.1.3 Fidelidade <i>versus</i> Visibilidade.....	27
4 METODOLOGIA	28
4.1 Questionário	28
4.2 Análises da tradução pelo viés discursivo	39
5 CONCLUSÃO	48
6 REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

“Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar” (ORLANDI, 2005, p. 45).

É com esta citação de Orlandi (2005) que será aberto este trabalho. A interpretação é inerente ao ser humano. Estamos a todo momento interpretando fatos, notícias, conversas, textos de diferentes gêneros, a partir da nossa história, ideologia e língua.

Ao ter contato com outra língua, o sujeito tem acesso a outros saberes, outras histórias, outras culturas e os compreendem pelas condições onde este sujeito sempre esteve inserido. O sentido dá-se nessa busca pela compreensão: no entendimento que um sujeito tem sobre determinada questão, mas que, para outro, poderá dar-se noutro sentido. E é nessa busca de sentidos que temos o discurso como nosso ponto de partida.

O presente trabalho tem por finalidade relacionar as análises da música *I'm yours*, do cantor americano Jason Mraz, através de entrevistas realizadas com professores da rede pública da cidade de São Sebastião do Caí-RS, aos estudos tradutórios e discursivos. O município possui, ao todo, 10 escolas de nível Fundamental (6º - 9º ano) e Médio. São 3 escolas municipais e 7 estaduais. A entrevista foi realizada com seis professores, sendo que, das escolas municipais, foi possível realizar uma entrevista; já nas outras duas escolas, que possuíam a mesma professora, a docente negou a participação.

Uma das escolas estaduais, no primeiro semestre de 2018, não possuía professor de Língua Inglesa, sendo trabalhada a Língua Espanhola. Uma professora trabalha em duas escolas e, nas outras, tem-se uma professora em cada.

Ao observar alguns professores de Língua Inglesa, verificamos que eles, ao tentar diversificar suas metodologias, têm se utilizado da música como um dos instrumentos de aprendizagem para relacionar com o conteúdo gramatical a ser trabalhado na disciplina.

Durante as aulas são realizados os seguintes momentos: escutar a música, preencher algumas lacunas definidas pelo professor, traduzi-la e, por fim, relacionar com o conteúdo do *verb to be*. No momento de tradução, quando questionado pelo aluno, o professor pode ter acesso ou não à tradução da música, que é normalmente

disponibilizada através de sites de letras de música como *Vagalume*, *Letras.mus*, etc.. Não tendo acesso à letra naquele momento, o professor irá recorrer: a) à memória ou b) ao dicionário, para apresentar aos alunos a tradução¹ que mais considerar adequada para o momento.

Para embasar este trabalho, mobilizar-se-ão as teorias da Análise do Discurso³ de linha francesa e a teoria da Tradução pelo viés da fidelidade do tradutor no ato da tradução momentânea.

Parte-se do princípio de que a AD considera o sujeito interpelado pela ideologia² e inscrito na história, do qual seu discurso será proferido de acordo com as condições de produção dentro da formação discursiva onde está inserido. Além disso, pelo fato de um sujeito não ser igual ao outro, por estarem assujeitados em diferentes contextos, os posicionamentos acerca de uma mesma sentença podem produzir diferentes resultados e, no caso da tradução da música, diferentes sentidos.

Já na Teoria da Tradução que existem perspectivas que defendem o processo de fidelidade, é discordado neste trabalho pelo fato do ato de traduzir ser uma releitura de um texto que foi produzido em outro contexto. Por isto, pretende-se analisar a produção de sentido no deslize tradutório, através da tradução realizada por professores da área de língua inglesa.

Para tanto, os conceitos da AD que serão mobilizados incluem o sujeito, a ideologia, a língua, a história, as condições de produção, a formação discursiva e a formação imaginária, uma vez que esses conceitos auxiliarão nas análises a partir das entrevistas escritas.

Da Teoria da Tradução, será considerada a *fidelidade* dos professores no ato de tradução, uma vez que isso também implica a *visibilidade* do tradutor no texto. O processo de tradução não se trata de decodificar palavras isoladas; ela é troca de cultura, de língua, de conhecimento. Assim sendo, o problema central deste trabalho é analisar se os professores de Língua Inglesa de São Sebastião do Caí - RS cometeram algum deslize na tradução de trechos selecionados da música *I'm yours* e se esse deslize produziu algum outro sentido.

¹ A teoria da Tradução possui duas grandes perspectivas iniciais. O método de tradução palavra-por-palavra e o método de tradução por equivalência. (Tratamos desses métodos no capítulo 3 deste trabalho).

² Este conceito será desenvolvido posteriormente no item 2.1

³ Doravante AD.

Para este trabalho, tem-se como base a perspectiva de Frota (2007) sobre os estudos discursivos e tradutórios, na linha da produção de sentido no deslize tradutório. Além disso, procura-se focar na teoria da Análise do Discurso de linha francesa, por ser uma teoria que não considera somente os aspectos linguísticos em si, mas os caminhos que levam o sujeito a se comunicar de uma forma e não de outra.

Partindo dessas perspectivas, procurou-se ter um embasamento teórico mais aprofundado sobre os estudos tradutórios e discursivos que pudessem vir a auxiliar nas análises das entrevistas de forma articulada e coesa. Por fim, analisamos as traduções da entrevista em um primeiro momento individual e depois foi feita uma análise comparativa de como os professores de Língua Inglesa da cidade de São Sebastião do Caí- RS construíram sentidos. Esperou-se encontrar diferenças no modo como estes sujeitos apresentaram as construções das sentenças, assim como verificar como se construíram estes enunciados a partir do discurso.

2 ANÁLISE DO DISCURSO: HISTÓRIA

Durante a década de 1960, a França e o mundo estavam sob efeito de um conjunto de acontecimentos históricos, como a Guerra Fria, o movimento dos estudantes em maio de 1968 em Paris, entre outros. Foi, então, em meio a esse cenário, que alguns estudiosos começaram a questionar os conceitos estruturalistas, vigentes na época, trazidos por Saussure, assim como questões referentes às variações linguísticas e às relações e influências sociais, políticas e ideológicas para/na produção de sentidos. Um desses estudiosos era o filósofo francês Michel Pêcheux que, considerando o materialismo histórico e a psicanálise, dá início à teoria da Análise do Discurso.

Como seu próprio nome indica, a Análise do Discurso tem por objeto o estudo do próprio discurso que é definido por Pêcheux (1995) como “*efeito de sentido entre interlocutores*”. Este se dá na relação dos sujeitos pela língua e pelas condições de produção onde estão inseridos. E para buscarmos uma compreensão melhor sobre a proposta de Pêcheux para a mobilização do discurso como seu objeto, precisamos perceber que encontramos no discurso questões referentes à língua, à história e ao sujeito. Considerando Ferreira:

O discurso sempre foi para Michel Pêcheux o objeto de uma busca infinita que, sem cessar, como lembra Denise Maldidier, “lhe escapa”. É no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito. E é também onde se cruzam as reflexões de Pêcheux sobre a história das ciências, sobre a história dos homens, sua paixão pelas máquinas, entre outras tantas. O discurso constitui-se, assim, no verdadeiro ponto de partida de uma “aventura teórica” (FERREIRA, 2010, p. 1).

Ao pensarmos, por exemplo, nos estudos estruturalistas, estes ignoravam qualquer influência externa, dedicando-se apenas ao texto em si, uma vez que seus estudos prezavam a língua fora do uso. Isso, então, não seria facilmente alcançado pelos sujeitos que não utilizavam a linguagem formal, tendo a língua variações linguísticas. Por isso ignorava-se não só o sujeito - que não cumpria estes critérios para os estudos estruturalistas -, mas a história, a ideologia, as condições de produção onde os discursos circulam.

Pêcheux, ao perceber isso, trouxe às suas pesquisas sobre o discurso o sujeito como elemento fundamental para análise, pois, segundo o autor, o discurso é a materialidade linguística do sujeito. Sem sujeito não há língua. Assim, deve-se ressaltar que a AD não considera o discurso por si só, mas, para além disso, estuda o sujeito interpelado em ideologia e inscrito na história que influenciam no dizer.

A AD de linha francesa considera a afirmação de Ferdinand de Saussure, em sua obra *Curso de Linguística Geral* (2006), sobre a língua como sendo um *fato social*. Entretanto, para além disso, a AD também considera as relações de língua e condições de produção, língua e ideologia e a ideologia com o inconsciente. Afinal, se desvinculássemos a língua da fala, como Saussure apresenta, desvincular-se-iam também o social e o histórico. O conceito de língua para a AD difere-se ainda do conceito de língua de Saussure, por admitir a falha e o equívoco, que estão entre os objetos de sua análise.

Muitos estudiosos contribuíram para a AD. Os estudos de Louis Althusser embasaram a noção de ideologia, Michel Foucault influenciou na formulação do conceito de formação discursiva e Lacan, com seus estudos sobre o inconsciente, que constituem o sujeito do discurso.

O conceito de ideologia foi baseado nas concepções de Althusser. Em sua obra, *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1970), ele apresenta a ideologia em três divisões amplas: a) como “a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência”; b) “a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas”; e c) “a ideologia interpela indivíduos em sujeitos”. Em “a)”, a ideologia é tida pelo modo como os homens relacionam-se com as condições reais de existência; em “b)”, é a consciência do sujeito que forma ou reconhece livremente as ideias de que acredita e essas ideias necessariamente transparecem em seus atos; caso contrário, transforma-se em outra ideologia. Desta forma, considera-se a ideologia como algo material. Essa materialidade realiza-se em atos concretos, o que auxilia Althusser a concluir que “a ideologia interpela indivíduos em sujeitos”.

Partindo para a Formação Discursiva (FD), este conceito elaborado por Pêcheux partiu dos estudos de Foucault. As obras *A Arqueologia do Saber* (1969) e *Ordem do Discurso* (1970) influenciaram Pêcheux para a formulação de noções

necessárias para a análise da linguagem. Assim, a formação discursiva é aquilo que, em uma dada formação ideológica, delimita o que se pode e deve ser dito.

É necessário reforçar que os conceitos formulados por Pêcheux no processo de elaboração da teoria foram modificados ao longo dos anos, já que foram feitas pesquisas e análises que possibilitaram ampliar os conceitos por ele inicialmente propostos. Por fim, há contribuição de Lacan com o conceito de inconsciente, que aponta o sujeito como do desejo, da incompletude, da falta. Ele tem a ilusão de se achar completo, dono do dizer, enquanto são as condições externas e a ideologia que o interpela, que impulsiona o sujeito a dizer de uma forma e não de outra.

Pêcheux desenvolve a teoria da AD, não só no conceito de ideologia, mas também com o inconsciente. O sujeito da AD é um sujeito interpelado em ideologia e inscrito na história, mas também é um sujeito do desejo inconsciente. E é sob esta perspectiva que a Análise do Discurso é marcada pelo materialismo histórico, pela linguística e pela subjetividade.

A proposta inicial da AD francesa tinha o enfoque na análise de discurso político. Enquanto na França a AD desenvolvia-se, no Brasil o contexto político-histórico-social³ era diferente. Dessa forma, a justificativa da resistência em adotar a Análise do Discurso no Brasil, segundo Ferreira (2005), dava-se através da acusação de que a AD não se importava com a língua e, sim, com o político.

Apesar deste fato, foi ao final dos anos 1970 que a professora pesquisadora Eni P. Orlandi trouxe ao Brasil a teoria da Análise do Discurso francesa introduzindo seus conceitos e, conseqüentemente, tornando-se referência nos estudos discursivos no Brasil.

2.1 LÍNGUA, IDEOLOGIA, FORMAÇÃO DISCURSIVA, FORMAÇÃO IMAGINÁRIA, SUJEITO: BREVES CONSIDERAÇÕES

A AD é uma teoria que considera aspectos históricos, psicanalíticos e sociais da língua. Para tanto, por se tratar de uma teoria subjetiva, não há nela conceitos isolados e, sim, que se entrelaçam e se constituem em conjunto. Assim, antes de deter-se sobre o conceito de sujeito, faz-se necessário contextualizar algumas noções fundamentais que auxiliam nessa definição.

³ Na década de 60, o Brasil enfrentava a Ditadura Militar, que refletiu drasticamente nos cenários político, histórico e social brasileiro.

Começando com a língua que tem um importante espaço na teoria, uma vez que auxilia na produção de sentido. Logo, nas análises, a língua é tida como a materialidade do discurso. Em outras palavras, ela é uma das bases do discurso. É a partir dela que o discurso constitui-se como tal. São outros conceitos como sujeito, ideologia e formações discursivas que tornam possível a língua materializar-se em discurso.

Diferentemente da Linguística, a língua, na AD, não admite as estruturas, as regras como fonte de comunicação ideal, embora também interessem. Nesta teoria, ela também admite o equívoco, a falha e considera-a como um dos elementos fundamentais que possibilitem a análise, por se tratar de um discurso, produzido por um sujeito interpelado ideologicamente e inscrito em condições de produções diversas.

Assim sendo:

a língua se apresenta como a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que (...) os processos ideológicos simulam os processos científicos. (...) “A língua não é uma superestrutura” e ela não se divide segundo as estruturas das classes em ‘línguas de classes’, com suas próprias ‘gramáticas de classes’ (PÊCHEUX, 1995, p. 81-82).

O que Pêcheux trouxe aqui à tona é que a língua, no contexto histórico-cultural do mundo, não é vista como um objeto que pertence apenas a uma determinada classe [alta] da sociedade. Ela é tida dentro de uma estrutura que, saindo dela, ou seja, permitindo a variação, demanda exclusão deste sujeito. Desta forma, ele defende que a língua não se trata disso (de uma “superestrutura”), tampouco de um objeto pertencente à classe alta da sociedade, mas sim de um fenômeno fundamental para os relacionamentos do sujeito na sociedade.

Partindo para a noção de ideologia, primeiro deve-se ressaltar que Pêcheux, ao formular este conceito, baseou-se nas considerações de Althusser. Para Pêcheux, a ideologia é constituída a partir das lutas de classe no processo histórico dialético. Ainda, a ideologia materializa-se na linguagem e é entendida como um conjunto de práticas materiais constituinte da sociedade que está intrínseca no ser humano.

Diferentes ideologias são diferentes representações da nossa realidade social e da nossa realidade imaginária. Dessa forma, considera-se que o sujeito é

interpelado em ideologia pelo meio onde ele está inserido. Ou seja, por se tratar de um sujeito interpelado em ideologia e inscrito na história, este sujeito não tem como ser um sujeito em si. Ele é assujeitado às condições de produção no meio onde está inserido.

Para isso, Althusser (1974 *apud* BRANDÃO, 2004, p. 24) traz a problemática da ideologia como “a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, e essa relação é necessariamente imaginária”. Assim, é a partir dessas experiências que o sujeito constitui-se. Também, deve-se ressaltar que estas “relações de existência” ocorrem em atos concretos; logo, a ideologia considera aspectos abstratos e concretos, ou seja, os aspectos de mundo que constituem o sujeito e as relações vividas.

Em síntese, a noção de ideologia na qual se acredita e se mobiliza para este trabalho é definida como um conjunto de saberes que direcionam a interpretação do sujeito para algum lugar. Considera-se o sujeito como constituinte do social, interpelado em ideologia e inscrito na história. Assim, na produção de sentido de um discurso, e no ato da tradução, que é considerada como uma releitura, o sujeito poderá vir a interpretar A (e não B, como esperado, muitas vezes, pelo interlocutor) devido aos conceitos já citados.

Dando continuidade, outro conceito que queremos chamar a atenção é o de formação discursiva. Partindo desta ideia de ideologia que trouxemos no parágrafo anterior, a formação discursiva⁴ constitui-se como o “lugar” onde os discursos são proferidos, medidos pelo que se pode ou não dizer através das *condições de produção*, uma vez que a FD é a materialidade da ideologia. A partir disso, a ideologia materializa-se no discurso e o discurso materializa-se na língua.

Os sujeitos, interpelados em ideologia, proferem um discurso A (que subdividiremos em A1 e A2), do qual um sujeito diz A1, considerando não só o discurso em si, mas as condições nas quais se produz o discurso, o momento histórico em que foi proferido, a ideologia, o sentido que provém através disso e o outro sujeito entenderá a partir destas mesmas colocações, mas que pode ser interpretado de

⁴ Doravante FD

outra maneira, justamente por se tratar de outro sujeito, interpelado em ideologia outra, resultando em um discurso A2, pois “o discurso se constitui em seu sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro” (ORLANDI, 2015, p. 41).

Faz-se importante considerar, também, o conceito de *formações imaginárias*⁵. As FIs dão-se através da antecipação do sujeito sobre o outro dentro de uma FD, ou seja, o sujeito leva em consideração a esfera discursiva na qual está inscrito, assim como também considera o lugar do outro, os discursos já ditos e não ditos. Considerando as palavras de Pêcheux (1969), a FI é a “antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (PÊCHEUX, 1969, p.84).

Voss também contribui, de maneira sucinta, sobre o que são as FIs. Na esteira de ideias do autor:

O conceito de formações imaginárias (FI) nasce assim ao lado do de condições de produção e diz respeito às imagens ou representações que os elementos A e B fazem de si e do objeto do discurso nos processos discursivos, representações estas que estão atreladas a lugares sociais/ideológicos. Tal conceito, o de FI, é esquematizado pelas seguintes questões que atravessam imaginariamente o processo discursivo: quem sou eu para lhe falar assim? quem é ele para que eu lhe fale assim? quem sou eu para que ele me fale assim? quem é ele para que me fale assim? de que lhe falo assim? de que ele me fala assim? etc. (VOSS, 2011, p. 1).

Assim, sendo esta uma teoria marxista, a “história da produção dos conhecimentos não está *acima* ou *separada* da história da luta de classes” (PÊCHEUX, 1995, p. 190) e isso auxilia significativamente no como o sujeito da AD se dá. Ele é essencialmente histórico e social. Ele se constitui pelo contato com o outro, pelas condições que o transformam e auxiliam em suas ações; pelas posições que ocupa (seja de professor, de aluno, de pai, mãe, filho, filha, neto, neta).

O sujeito não é dono do dizer, pois, ao dizer, se está dizendo outros dizeres. Ele não é o centro, uma vez que se precisa do outro para se constituir e é constituído pela ideologia, como o próprio Pêcheux (1995, p.145) aponta: “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeito de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes correspondem”.

⁵ Doravante FIs

2.2 SENTIDO, HISTÓRIA, CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, DISCURSO

Iniciando com o conceito de *história*, já se adianta que nada tem a ver com contexto, com situações imediatas, mas sim com um processo que abrange aspectos políticos, ideológicos e culturais. Paul Henry (1994) também afirma que ela não é evolução, nem cronologia, mas sim sentido. Ou seja, a história está inscrita no discurso e é manifestada através da língua que, afetada por condições de produção, contribuem para a produção de sentido do discurso. Ferreira (2003, p.191) aborda essa questão de Pêcheux que “a história está na língua” e que, portanto, acarreta na interpretação.

Mas afinal, o que são as condições de produção? Este conceito é muito bem pontuado por Orlandi (2015, p. 28) ao relacioná-las, amplamente, ao sujeito e à situação, ou seja, “é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.”

Assim sendo, as condições de produção são consideradas como o ambiente onde o discurso está sendo proferido, considerando condições externas e não apenas os sujeitos presentes ali. Diz-se o que se diz, pois a história (em seu contexto amplo) influencia, bem como a língua, a ideologia... Desta forma, o sujeito é assujeitado por estas condições que o impulsionam a dizer de um modo e não de outro.

Reforça-se aqui o conceito de ideologia. Sendo ela considerada o meio que transforma indivíduos em sujeitos, ela também é responsável por “direcionar” o posicionamento do sujeito frente a informações apresentadas em diversas condições de produção. Assim, ela é efeito da relação da língua com a história na busca da produção e compreensão dos sentidos.

Dando seguimento a esta leitura primária na cadeia de conceitos da AD, aborda-se o conceito de *sujeito* parafraseando as ideias de Orlandi (2015, p.48) que definem o sujeito como tendo a ilusão de ser dono do dizer, como se tivesse controle sobre si, sendo ele, muito pelo contrário, não dono de si, mas ao mesmo tempo livre. Para ela, “ele [o sujeito] é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode-se tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la”. Isso trava um assujeitamento do sujeito sobre a língua e este fato não ocorre desde

que se iniciaram os estudos na Linguística. Muito pelo contrário, a língua faz-se presente e necessária na vida do homem desde o início dos tempos.

A língua serve para comunicar (e não comunicar) e, para que isso ocorra, é necessário haver a presença de um sujeito outro, pois sem o outro não há sujeito, não há fala, não há compreensão.

O penúltimo conceito que aqui se trabalha é o de *sentido*.

O sentido tem seu processo de constituição como algo fundamentalmente histórico, vinculado a um trabalho da rede de memória; assim, como ocorre com o sujeito, o sentido nunca é individual, nem tampouco apresenta-se como já produzido (FERREIRA, 2003, p.193).

Desta forma, a AD fundamenta-se no processo da produção de sentidos de forma a buscar a historicidade presente na linguagem através do imaginário. Ambas as determinações históricas de sentido e sujeito não deixam com que o sujeito seja “natural”. Afinal, o sujeito tem a ilusão de ser dono do dizer, mas que seja pensado na contradição, na falha, logo, visando na produção desse sentido.

Por fim, o objeto de estudo dessa teoria: o *discurso*. Este não se trata apenas de transmissão de informação: emissor, receptor, código, referente e mensagem. Também não se pode confundir discurso com fala, como na dicotomia proposta por Saussure de língua/fala. O discurso é o lugar do político, do histórico, ideológico, social. O discurso é a manifestação do sujeito que permite a produção de sentidos. Por isso é definida como o “efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1969, p.82), pois se dá através da ideologia, da língua, das condições de produção, formações discursivas. As palavras tomam sentido a partir do posicionamento do sujeito.

3 HISTÓRIA DA TRADUÇÃO: UM RESUMO

A teoria da Tradução está em constante transformação. Apesar dos poucos estudos que se tem da tradução na antiguidade, que têm por principais precursores Cícero e Horácio, a contribuição destes estudiosos serviram de base para a consolidação desta teoria. Sendo ela uma teoria que foi desenvolvida ao longo dos tempos, decide-se apresentar, de maneira sucinta, a História da Tradução por períodos.

300 a.C.

Os *Targumim* nada mais são que as primeiras traduções a que temos acesso realizadas no mundo. São as traduções em aramaico de partes do Antigo Testamento que eram utilizadas nas sinagogas da Palestina e da Babilônia. O Targum, no processo de tradução, visa a “fidelidade” e a “recepção” (LANZETTI, 2004) do texto, sendo ignorados aspectos sintáticos e pragmáticos da língua, ou seja, o que realmente importava era a fidelidade/igualdade da tradução de uma língua para outra.

Para quebrar com este paradigma, Cícero e Horácio pensavam a tradução como algo a soar natural, sem perder a ideia central do texto. Nas palavras de Cicero⁶:

Eu não traduzo como um intérprete, mas sim como um orador, mantendo as mesmas ideias e formas, ou como alguns diriam, as figuras de pensamento, mas de acordo com as normas de uso da língua alvo, Eu não considero necessário me render à tradução palavra-por-palavra, pois expressei de acordo com o estilo e força da linguagem (CICERO, 1949, p. 364).

Sob esta perspectiva, têm-se vários debates entre estudiosos da tradução contemporânea no que concerne à dicotomia entre a preservação do texto original, ou seja, a fidelidade, e o não apagamento do tradutor. Partindo-se desta ideia, acredita-se que a tradução é tida como uma releitura de uma obra original; porém,

⁶ A citação original de Cicero (1949): “ *I did not translate as an interpreter, but as an orator, keeping the same ideas and the forms, or as one might say, the figures of thought, but in a language which conforms to our usage and in so doing, I did not hold it necessary to render word-for-word, but I expressed the general style and the force of language (CICERO, 1949, p. 364).*”

há elementos que não podem ser traduzidos, pois são estes elementos que transformam o texto. Também não se pode desconsiderar todo o trabalho desenvolvido pelo sujeito-tradutor, sendo ele “apagado” do texto, pois é ele quem faz todo um trabalho para aproximar o leitor da obra do autor, independente da língua em que seja escrita.

É necessário compreender que, por ter sido (e ainda ser) uma teoria em desenvolvimento, não há indicações de qual seria a forma ideal para se traduzir um texto. Considera-se para este trabalho, fortemente, a ideia de que o sujeito-tradutor é interpelado em ideologia e é constituinte de condições de produção que auxiliam na interpretação e no posicionamento deste sujeito. Assim, a tradução dá-se como uma releitura.

Em meio a este período, temos ainda St. Jerome⁷ que defende que muito se perde no jogo da tradução palavra-por-palavra, principalmente em se tratando da tradução das Grandes Escrituras, pelo fato de que, ao se traduzir desta forma, o sentido do texto original é mascarado e a tradução é incoerente. Ele ainda escreve que não se deve traduzir desta forma, mas sentido-por-sentido: “agora, eu não apenas admito, mas anuncio livremente isso na tradução do grego - exceto no caso da Sagrada Escritura, onde até mesmo a sintaxe contém um mistério - eu não traduzo palavra por palavra, mas sentido por sentido” (JEROME, 1997, p. 25).

Considerando o posicionamento de Jerome, percebemos outro ponto de vista acerca dos métodos de tradução, já que, enquanto nos Targumim era considerada a tradução palavra-por-palavra, por Cícero e Horácio se considerava a tradução por equivalência, já por Jerome, ele pensava as questões das línguas, suas regras, particularidades, de forma que, no ato da tradução, o método compreendesse dos dois lados: da língua maternal e da estrangeira.

Século XVII

É a partir deste século que os estudos tradutórios ganham forma. A contribuição de John Dryden (1631-1700) sobre os tipos de tradução - metáfrase, paráfrase e imitação – amplia-se. Dryden (1992, p. 17) também discorda do método

⁷ Em inglês a ideia de St. Jerome: “*now, I not only admit but freely announce that in translating from the Greek- except in the case of the Holy Scripture, where even the syntax contains a mystery- I render not word-for-word, but sense-for-sense*” (JEROME, 1997, p. 25).

palavra-por-palavra e ainda aponta que isso “interrompe” [palavra minha] com a fluência do texto, sugerindo então que se considere a paráfrase, ou seja, a tradução pelo viés do sentido.

Século XIX

Em meio às discussões sobre os estudos da tradução, eis que, no início do século XIX, Friedrich Schleiermacher debate as questões da (in)traduzibilidade em “*The Different Methods of Translating*”, indo além das questões centrais da tradução, se deve ser palavra-por-palavra ou sentido-por-sentido. Ele problematiza a aproximação do leitor e do escritor: ou o tradutor afasta o escritor do leitor e faz com que o leitor aproxime-se ou ele faz o processo contrário. Friedrich Schleiermacher (apud PIUCCO, 2008, p. 178) afirma ser “impossível que a linguagem do tradutor possa ter a mesma estrutura da de seu autor o tempo todo”. [...] Segundo ele, o tradutor estabelece uma mediação entre o autor do texto original e o leitor da tradução. Assim sendo, ou o tradutor move o leitor tanto quanto possível até o autor, ou move o autor até ao leitor”.

1900 - 1930

Durante este período, na tradução, as tendências acadêmicas estão voltadas aos padrões literários e filosóficos alemães e na hermenêutica. Como Ghanooni (2012) aborda sobre a linguagem, esta é considerada como comunicativa e constitutiva em suas representações de pensamento e realidade. Levando em consideração a tradução, ela é vista como uma interpretação que reconstrói e transforma o texto literário.

Faz-se necessário abordar, também, neste período, os estudos de Walter Benjamin. Em sua dissertação, “*The task of the Translator*”, 1923, ele argumenta sobre o objetivo da tradução que não deve ser o de possibilitar aos leitores a compreensão do significado ou o conteúdo do original, mas que a tradução existe de forma individual e em conjunto com o original, como forma de dar “continuidade” ao trabalho. (BENJAMIN, 2000, p.16)

1940-1950

Nas décadas de 1940 e 50, o termo influente nos estudos da tradução foi o de traduzibilidade. Linguistas e críticos literários discutiam se as diferenças que separavam as línguas e as culturas poderiam ser “tragas de voltas” pela tradução. Para solucionar esta problemática, analisaram-se todos os pontos concernentes à tradução: as diferenças das línguas do qual ocorrem “impedimentos” no ato de traduzir; os métodos de tradução. Consideraram-se as influências ao longo dos estudos tradutórios para justificar esta ideia.

1960-1970

A partir de 1960, os estudos da tradução têm um novo conceito-foco: o de equivalência, quando, nesta perspectiva, a tradução é mais vista como um processo de comunicação. George Mounin (1975, p.38) nega o conceito de *relatividade*, dizendo que isto torna a tradução inviável e toma a *equivalência* como conceito ideal, argumentando que depende das “*universals of language and culture*”.

1980

Na década de 1980, os estudos da tradução de Susan Bassnett são publicados. Ela faz um compilado de todos os estudos até ali desenvolvidos e estabelece a teoria como um campo além da linguística, crítica literária e filosofia. Em contrapartida, problemas de comunicação intercultural estão em alta. Desta forma, a autora trabalha interdisciplinarmente os conceitos teóricos, compreendendo estratégias em relação a aspectos culturais e sociais.

1990 - dias atuais

A teoria da tradução enfim ganha forma. A progressão em linhas de pesquisa de metodologias que surgiram e prevaleceram no século anterior fizeram com que a teoria se desenvolvesse em outras áreas, como na linguística (considerando a

pragmática, análise crítica do discurso) e na teoria cultural (estudando a tradução na perspectiva do pós-colonialismo, sexualidade, globalização).

3.1 O PROCESSO DE TRADUÇÃO NAS AULAS DE INGLÊS

Este capítulo dividir-se-á em três partes. A primeira delas explica o processo de tradução na sala de aula. A segunda parte se refere às perspectivas da tradução pelo viés da tradução palavra-por-palavra e da tradução por equivalência. E, por fim, a mobilização dos conceitos de fidelidade e visibilidade.

3.1.1 O ato de traduzir na aula de Inglês

A docência vai muito além das fronteiras da sala de aula. O professor precisa manter-se informado, atualizado e sempre em busca de qualificações para dar conta dos desafios da profissão. Percebe-se de professores que já têm uma (longa, às vezes) caminhada que, muitas vezes, seu ensino deteve-se apenas à graduação, não indo a busca de qualificações para auxiliar não só sua compreensão, que poderia, por vezes, ser aprofundada sobre um determinado tópico, mas no planejamento e no desenvolvimento das suas aulas. Desta forma, o professor não prejudica apenas a si, mas ao processo de ensino-aprendizagem que, por direito, também pertence ao aluno.

Este mesmo professor, ao tentar reverter a situação, mostrando-se interessado em diversificar seu método, procura atingir ao público-alvo (jovens de 12 a 19 anos) através de meios que chamem a atenção, como a música, por exemplo. Mas é nessa tentativa de transformar suas aulas que o professor que, em um primeiro momento, sente-se aliviado, encontra-se com um novo embate: o ensino da gramática.

É inegável a importância da gramática durante o processo de aprendizagem, principalmente em outra língua. A questão sobre isso se dá que muitos professores, por diversas razões, detêm-se apenas a este método, ignorando, por vezes, a realidade do aluno, desconsiderando seu processo (e ritmo) de aprendizagem e isso prejudica não só ao aluno, mas ao professor, que termina por distanciar ainda mais o aluno da disciplina.

Os conteúdos nas escolas da cidade de São Sebastião do Caí, com base nas recomendações do Ministério da Educação, são organizados pelos professores, que dividem por trimestres os conteúdos a serem trabalhados ao longo do ano letivo.

Durante a minha trajetória acadêmica nesta cidade, que compreende o Ensino Fundamental e Médio, foi percebido, em três escolas em que estudei, que o conteúdo do *verbo to be* (considerado como “a base do inglês”) está sempre presente, sendo apresentado pela primeira vez no 6º ano do Ensino Fundamental e reforçado até o final do 3º ano do Ensino Médio. O que acontece, porém, é que este conteúdo é trabalhado todo o ano, o ano inteiro, não sendo um processo e sim um conteúdo qualquer, sem sentido, “que precisa ser passado e vencido”. Como este conteúdo é trabalhado em todos os anos, a atividade que será discorrida abaixo é direcionada a partir do 7º ano.

O professor, ao tentar relacionar o conteúdo com uma música, procura a música ideal, que mais traga exemplos de determinado conteúdo, em sites como *Google*, ou até mesmo especializadas em música, como *Vagalume.com*, *Letras.mus*, *kboing*, etc. Uma música que envolve bem essa questão, é a música *I'm yours*, do cantor americano Jason Mraz.

A partir da escolha da música, o professor prepara a aula visando, por vezes, atingir ao público, mas sem fugir do exercício da prática do conteúdo. Ele recorre a estas plataformas, que muitas vezes possuem um espaço dedicado ao professor, disponibilizando, de maneira rápida e fácil, a atividade de escutar, compreender e escrever determinada palavra em um espaço selecionado. Ou seja, como ocorre no ensino da gramática, este novo instrumento utiliza-se da mesma lógica e do mesmo desenvolvimento por parte do aluno: preencher lacunas.

Impressas as folhas, a música preparada, o professor vai em direção à sala aplicar sua aula. Ele introduz as atividades do dia, especificando a tarefa da música que envolverá as habilidades de leitura, escrita, fala e escuta dos alunos. Em um primeiro momento é tocada a música, apenas para apreciação dos alunos. Depois são feitas algumas perguntas de cunho interpretativo, sobre do que se trata a música (que muitas vezes se apresenta apenas em inglês e pode ser decodificada através de palavras mais conhecidas como *love*), se os alunos já a conheciam, o que acharam, se possuem alguma dúvida de vocabulário sendo logo retomada a atenção e direcionada para o próximo passo.

Depois desse primeiro momento, o professor apresenta uma caixa com palavras aleatórias que se encaixam nos espaços brancos da letra original. É solicitado então que os alunos escutem novamente, agora com mais atenção, e preencham essas lacunas com as palavras dispostas no quadro.

Após a correção, o professor traduz com os alunos a letra, linha por linha, aproveitando para, superficialmente, explicar o uso da língua em outras construções. É este momento que interessa a esta pesquisa: como o professor traduz quando ele não tem acesso à tradução, ou é pego de surpresa para traduzir construções outras.

Como dito na introdução, o professor, não tendo acesso à letra naquele momento, recorrerá: a) à memória; ou b) ao dicionário para apresentar aos alunos a tradução que mais achar adequada para o momento. Mas como se dá, afinal, essa tradução? É o que veremos no capítulo a seguir.

3.1.2 Perspectivas da tradução: tradução palavra-por-palavra x tradução por equivalência

Ao traduzir, o professor não especializado nesta área parte de uma ideia geral do processo de tradução que visa à fidelidade, neste caso, ao cantor da música, ou seja, traduzir significa, neste processo, trazer um texto de uma língua para outra, mantendo suas palavras e ideias. Sendo este processo que visa à fidelidade, a tradução dá-se por duas linhas gerais: a tradução palavra-por-palavra e a tradução por equivalência.

A tradução palavra-por-palavra visa à tradução tal qual o original. Apesar deste método apresentar falhas, uma vez que cada língua possui seu sistema próprio, suas regras e, regras essas que variam, ele é muito utilizado, já que a tendência do sujeito é primeiro decodificar o texto (de uma língua estrangeira para a língua materna), para depois estabelecer o sentido. Já a tradução por equivalência, como estruturado inicialmente por Cícero e Horácio, visa selecionar a ideia central do texto, preservando seus pontos-chave. Para eles, a tradução deve soar como natural e não superficial.

Mas, mais especificamente, como o professor traduz a partir dessa perspectiva? Primeiro precisamos ter em mente que a “equivalência seria sempre presumida e nada mais” (PYM, 2017, p. 84). De outro modo, equivalência é ilusão de

achar que traduziu satisfatoriamente; que supriu a falta de uma língua para outra. É por esta razão que se afirma que a tradução nunca é fiel. Quando se pensa ter suprido todas as faltas, não se passa de ilusão. É por isso que quem traduz sente-se no embate entre completude e insuficiência.

Por virtude desta ideia, em um momento do qual, muitas vezes, o professor não tem acesso a informação devido à realidade da escola pública estadual, ele precisa recorrer aos seus conhecimentos, muitas vezes inativos, na memória, ou ao dicionário. Essa tradução, misturando com essas duas perspectivas, dão-se a partir da realidade do professor, conseqüentemente, envolvendo as condições de produção desse sujeito, já que, no ato de traduzir, o professor interpreta, sendo assujeitado pela ideologia e inscrito em um momento histórico que também o influencia e é atravessado por duas línguas que precisam “se unir”.

3.1.3 Fidelidade *versus* Visibilidade

Diferentemente da posição de um tradutor (tendo isso como profissão), o professor de línguas não necessariamente traduzirá com a atenção de um tradutor, pois, se analisarmos o quadro de conteúdos de um curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês, não se encontrarão disciplinas destinadas aos estudos da tradução. No curso de Letras, os estudos tradutórios são dificilmente mencionados e, mesmo quando abordados, se dá de maneira ampla.

O que se quer ressaltar aqui é que o professor, ao traduzir, não considera as teorias da Tradução vigentes. Ele, na maioria das vezes, apenas decodifica e traz, de forma mais coerente e coesa possível, para o português. Então, não há para o professor a preocupação de se “esconder” por trás de um texto, que muitas vezes um tradutor terá. Desta forma, inevitavelmente, o professor trará para a sua tradução marcas da sua constituição (ideologia, história, condições de produção), já que a tradução trata-se de uma releitura de um texto outro.

A fidelidade, muitas vezes, é um fator a ser alcançado, e se conquista pelo método da tradução palavra-por-palavra, como abordado no tópico anterior. Mas os embates entre as línguas dificultam a fidelidade total de dois textos escritos em línguas distintas.

4 METODOLOGIA

4.1 QUESTIONÁRIO

A música *I'm yours* do cantor e compositor americano Jason Mraz faz parte do álbum *We sing. We dance. We steal things.* lançado em 2008 pela gravadora da *Warner Music*. A letra fala principalmente de amor, de quando a pessoa permite-se ser livre, de se aceitar fora dos padrões impostos pela sociedade e, a partir disso, entregar-se para a felicidade.

Entende-se que essa é uma música apropriada para trabalhar o *verb to be*, por dois motivos: primeiro, por apresentar, ao longo da letra, o conteúdo gramatical, que é o principal objetivo do professor (trazer algo que os alunos gostem, no nosso caso, a música, e o conteúdo que o professor precisa desenvolver em sala de aula) como, por exemplo, as seguintes frases: "*I'm yours*" ('m), *It's your God-forsaken right* ('s), *I guess what I be saying* (be), entre outros.

Os professores que contribuíram para este trabalho graduaram-se nos anos finais do século XX, apenas com exceção de uma professora que ainda está cursando a graduação. A década de 1980, principalmente, conta com acontecimentos históricos marcantes na sociedade brasileira, como o fim da ditadura civil midiática militar. Então, os métodos de ensino pelos quais estes professores mantiveram contato ao longo de sua trajetória prezavam uma educação mais "silenciosa", tendo o medo, muitas vezes, sendo confundido com o respeito.

Partindo-se desta perspectiva, o questionário aplicado com estes professores encontra-se a seguir:

Questionário da entrevista

- 1- Como foi tua formação? Estudou em qual instituição? Como foi o desenvolvimento do inglês no decorrer do curso?
- 2- Poderias contar um pouco como foi o início da tua carreira como docente?
- 3- Fez algum curso complementar?
- 4- Como era a relação professor/aluno quando tu estudavas? Como tu tenta manter a tua relação com os alunos?
- 5- O que tu enxergas que mudou de lá pra cá? Como quando tu eras aluna e agora como professora.
- 6- Qual teu método de ensino? Fala em inglês com os alunos? Por quê?
- 7- Como tu trabalha a questão da tradução durante as aulas?

8- Um dos métodos comuns utilizados pelos professores de língua inglesa é o uso de músicas. O verbo *to be* é considerado a base do inglês, pois se trata do estado das características do sujeito. Uma música que trabalha bem essa questão é a do cantor Jason Mraz, “I’m yours”. Traduza os seguintes trechos:

*Before the cool done run out
I'll be giving it my bestest
And nothing's going to stop me
but divine intervention
I reckon it's again my turn to win
some or learn some*

*Well open up your mind and see like me
Open up your plans and damn you're free
Look into your heart and
you'll find love love love*

*Listen to the music of the moment
people dance and sing
We just one big family and
It's your God-forsaken right
to be loved love loved love loved*

*So I won't hesitate no more, no more
It cannot wait, I'm sure
There's no need to complicate, our time is short
This is our fate, I'm yours*

Antes de realizar a entrevista, foi realizada uma conversa com os professores e pedida a permissão para utilizar as informações para fins de pesquisa. Todos, com exceção de uma professora, aceitaram. Foi solicitado também que, caso possuíssem dúvidas de vocabulário, que utilizassem a plataforma do *Google Tradutor* ou um dicionário e não a letra da música para não influenciar nas respostas. Todos concordaram.

Entretanto, ao pensar as perguntas para o questionário, não foi considerado o contexto do professor para além da sala de aula. Percebeu-se a falta disso ao receber as entrevistas de volta e ler as respostas. Também, faz-se necessário ressaltar que, por permitir a realização da entrevista escrita, em função da disponibilidade dos professores, isso acarretou em respostas curtas e diretas, por alguns professores, não tendo a autora a oportunidade de aprofundar as respostas com os docentes. As respostas apresentadas foram transcritas *ipsis litteris*.

Outro ponto importante a ressaltar é que, inicialmente, tinha-se a proposta de gravar a conversa com o professor; porém, apenas uma entrevista foi realizada dessa forma, já que os outros professores optaram pela entrevista escrita, em função do tempo disponível, uma vez que possuem uma carga horária de trabalho elevada. Dessa forma, partimos para as análises das entrevistas:

1º Entrevista:

A Escola Estadual de Ensino Fundamental *Lua de Cristal*⁸ está localizada em um dos extremos da cidade, tendo um contexto sócio-econômico *complicado*, e neste espaço, onde a escola localiza-se, a criminalidade e violência estão tomando força, impactando diretamente nos alunos e professores.

Pergunta 1: “Fiz licenciatura na URI, em Santo Ângelo, neste meio tempo cursei Inglês na Fisk”.

Pergunta 2: “Como todo o início foi complicado, tive que pensar em meios e recursos para o entendimento do aluno. Estudei mais ainda. Procurei ajuda.”

Pergunta 3: “Fisk e na Informatize.”

Pergunta 4: “Quando eu estudava: vertical, educação tradicional. Relação com meus alunos é aberta e tranquila. Sigo os conteúdos na sequência do cronograma, mas insisto nele até entenderem, reviso muito (feedback) a aula anterior.”

Pergunta 5: “Muita coisa mudou. Eles têm mais contato com as palavras estrangeiras, no entanto não associam ao seu significado. Recebem um livro de Inglês (Escola pública) que não atende à necessidade e aos interesses deles. Com a abrangência de recursos e ferramentas a nossa disposição, podemos elaborar aulas divertidas e interativas.”

Pergunta 6: “Há dois períodos por semana, então, procuro dividir a aula em parte prática e teórica para não ficar tão monótona. Tento aplicar o idioma nas situações cotidianas. Envolver, sempre que possível, as habilidades comunicativas: leitura, escrita, fala e audição.”

Pergunta 7: “A tradução não é tarefa fácil porque é preciso de uma base que os alunos não possuem para acompanhar. Procuro oferecer textos simples e interessantes (assunto atual), curtos para não assustar, que estejam relacionado com o conteúdo. Oriento o uso do dicionário, acompanho-os com constantes esclarecimentos. Utilizo músicas, mas traduzo apenas algumas partes”. E assim vou aumentando o grau de dificuldades, conforme observo a evolução da turma (sem pressa)”.

Pergunta 8:

*“Antes que o frio se vá
Eu darei o meu melhor
E nada irá me parar
Mas a intervenção divina*

⁸ Os nomes das escolas aqui citadas foram modificadas a fim de preservar suas identidades.

*Acho que é a minha vez de vencer novamente.
Ou aprender algo.*

*Bem, abra sua mente e veja como eu.
Abra seus planos e, droga, você é livre.
Olhe para dentro do seu coração e
Você encontrará amor, amor, amor.*

*Escute a música do momento
Pessoas dançam e cantam
Somos apenas uma grande família e
É seu direito divino
Ser amado, amar, amado, amor..."*

2º Entrevista:

A professora *Margarida* trabalha em duas escolas na cidade de São Sebastião do Caí. A primeira escola, Escola Estadual de Ensino Fundamental *Carlos Alberto*, foi onde realizei a entrevista. Esta escola está localizada bem ao centro do município, atendendo a alunos de diversas realidades, sendo uma das escolas tidas como referência na cidade.

A outra instituição na qual esta professora trabalha é a Escola Estadual de Ensino Fundamental *Joana D'Arc*. Esta, ao contrário da outra, já possui um público mais selecionado de classe média-alta.

Pergunta 1: "Me formei no curso de Letras - Inglês na Unisinos. Como meu curso era só inglês as aulas eram ministradas em inglês e tinha como pré-requisito o conhecimento da língua".

Pergunta 2: "Comecei a lecionar quando estava no 4º semestre da faculdade. No primeiro ano trabalhei com alunos de EJA e no ano seguinte do 6º ao 9º ano nas escolas Estaduais."

Pergunta 3: "Fiz curso de inglês básico na Wizard e o intermediário no Unilínguas, pois não conseguia acompanhar as aulas da graduação somente com o básico."

Pergunta 4: "Sempre tive uma boa relação com meus professores e atualmente acho que tenho uma boa relação com os meus alunos também".

Pergunta 5: "Acho que mudou muito, principalmente nos últimos anos. Atualmente é quase que impossível reprovar e com isso, ele não estuda e deixa de aprender muita coisa. Já tive vários casos em que o aluno passava de ano sem somar o mínimo necessário. Hoje em dia é uma soma das áreas (Ed. F., Artes, Port. e Ingl.) assim é fácil de somar a média final."

Pergunta 6: "Não tenho um único método. Utilizo bastante diálogos, exercícios grandiais, vocabulário para formarem frases e utilizar a gramática. Não falo muito em inglês em aula, pois as turmas são grandes e nem todos gostam de inglês, daí geralmente eles começam a tumultuarem as aulas, e depois é difícil retomar o controle."

Pergunta 7: “Não trabalho muito com tradução de textos e músicas, pois acabam cansando de procurar as palavras, e muitas palavras como expressões acabam não achando e dificultando a tradução. Quando trabalho com tradução, costumo pôr vocabulário no quadro para facilitar e eles utilizam o dicionário para as demais palavras.”

Pergunta 8:

*“Antes do frio passar
Eu darei o me_____⁹
E nada irá me parar
Somente a intervenção divina
Acho que é a minha vez de ganhar novamente
Algo ou aprender algo.*

*Bem abra a sua mente e me veja
Abra os seus planos e dane-se você está livre.
Olhe para dentro de seu coração e
Você achará o amor, amor, amor.*

*Escute a música do momento
Pessoas dançam e cantam
Nós somos apenas uma grande família e
É o seu direito divino
Ser amado, amor, amado amor, amado*

*Então eu não hesitarei mas, não mais
Ele não pode esperar, eu tenho certeza.
Não há necessidade de complicar, nosso tempo é curto
Este é o nosso destino. Eu sou sua.”*

3º entrevista:

A Escola Estadual de Ensino Médio *Dom Casmurro* é a escola referência no que concerne ao Ensino Médio na cidade. Apesar de ser uma escola estadual, existe quase um processo seletivo, pela parte administrativa da escola, para o ingresso dos alunos.

O ensino ali é visto como o melhor da cidade, tendo acesso a instrumentos tecnológicos de ensino que foram conquistados pela contribuição de pais e mestres. A professora de inglês que ali trabalha faz parte do grupo docente há anos, estando, agora, próxima de sua aposentadoria.

Pergunta 1: “Letras - Unisinos; ótima”

Pergunta 2: “Qdo comecei os alunos só tinham 1 período por semana na 8º série. Inglês básico.”

Pergunta 3: “Yazigi, CCAA”

⁹ A professora não completou a frase.

Pergunta 4: "Muito boa. Respeito é o princípio básico."

Pergunta 5: "Os alunos têm muito mais acesso à informações."

Pergunta 6: "Trabalho com turma de + ou - 30 alunos, onde grande número de alunos nunca teve inglês, outros têm desde o 6º ano, outros fazem cursos particulares. Muito difícil, não dá para seguir um método específico. É muito diferente trabalhar em uma turma de cursos particulares onde os alunos são separados por nível de conhecimento."

Pergunta 7: "Leitura oral, tradução oral e então escrita."

Pergunta 8:

*"Antes que o frescor passe
eu darei meu melhor
nada me deterá apenas
a intervenção divina.
Eu imagino que seja minha vez novamente de
ganhar ou aprender algo.*

*Bem abra sua mente e
veja como eu
Libere seus planos e dane-se
você é livre.
Olhe para o interior de seu coração
e você encontrará amor, amor, amor*

*Ouçã a música do momento
as pessoas dançam e cantam
Somos apenas uma grande família
É seu direito divino
ser amada, amada, amada, amada, amada*

*Então não hesitarei mais
Não dá para esperar, tenho certeza
Não há necessidade de complicar,
nosso tempo é certo
Este é o nosso destino, Eu sou seu."*

4º Entrevista:

O Instituto Estadual de Educação *Castro Alves* está localizado num bairro próximo ao centro e atende aos mais variados alunos em suas condições sócio-econômicas.

Respostas:

Pergunta 1: "Estudei na universidade Unisinos. Bom, qndoiniciei não domina o inglês e a partir daí comecei a estudar e a fazer cursos, pois não tinha o nível que era exigido."

Pergunta 2: "Comecei lecionando Português, estava no terceiro semestre(de 5 serie a 8 serie , na época) e logo em seguida passei a lecionar inglês. Não foi fácil pois dominar as

turmas e provar tudo que eu sabia foi o mais difícil, pois os alunos me testavam muito. Mas consegui!”

Pergunta 3: “Fiz aulas particulares e fiz curso na Wizard que me ajudou muito e tudo que sei devo a este curso!”

Pergunta 4: “Quando estudava era bem diferente, professor falava e nós obedecíamos sem questionar nada. Não perguntava dúvidas devido vergonha de não ter entendido! A minha relação é de amizade, que os alunos podem trazer sugestões e principalmente questionar e esclarecer dúvidas.”

Pergunta 5: “Mundo mais dinâmico, aluno mais interligado com o mundo e cabe a nós professores usarmos e abusarmos disso! Saber usar a internet a nosso favor. Como aluna não via que o conhecimento podia ser adquirido a partir de mim, dependíamos muito do professor. Hoje como professora vejo q o aluno pode aprender sozinho, então se quero a atenção deles preciso fazer aulas dinâmicas e interessantes.”

Pergunta 6: “Primeiramente, analiso a turma, dependendo faço aulas de conversação, ou não leio tudo em inglês e digo como se fala, mas nunca obrigo um aluno a se expor se não está seguro.”

Pergunta 7: “Trabalho tradução com ajuda do Google, pois meu objetivo não é só traduzir palavras soltas e sim em contextos e isso precisa-se pensar mais, não está pronto!”

Pergunta 8:

*Antes que o frio se esgote
Eu estarei dando o meu melhor
E nada vai parar me
Mas a divina intervenção
Eu acredito q é minha vez de vencer algo novamente e aprender algo*

*Abra sua mente e veja como eu
Abra seu planos e maldição você está livre
Olhe em seu coração
E você encontrará amor, amor e amor*

*Ouçã a música do momento
Pessoas dançam e cantam
Nós somos somente uma grande família e
Isto é seu direito divino
Ser amada, amada 4x*

*Então eu não .esitarei não mais, não mais
Não posso esperar, estou certo
Não existe necessidade de complicar, nosso tempo é curto
Este é nosso destino, eu sou seu...*

5º entrevista:

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Carlos Alberto está localizada no extremo da cidade e é um bairro relegado por grande parte da população por ser carente economicamente e, além disso, possuir um alto índice de violência.

Pergunta 1: “Cursei Letras - Português/ Inglês e suas respectivas literaturas. Estudei na UNOESC -> Chapecó/ SC. Durante o curso superior acompanhei com cursinho de inglês para complementar o conhecimento da língua inglesa”.

Pergunta 2: “Fiz o magistério, quando me formei já iniciei o curso superior e no mesmo ano comecei a atuar como professora de português e inglês. Hoje tenho 24 anos de magistério e atuo com a língua inglesa nas séries finais do ensino fundamental.”

Pergunta 3: “Sim. Cursei Winner durante 5 anos e vários cursos de formação continuada durante minha carreira de magistério.”

Pergunta 4 e 5: “Quando eu era aluna a relação era diferente com certeza. O professor era o detentor do conhecimento, o aluno recebia esse conhecimento, memorizava. Hoje, a relação mudou, o aluno tem muitos acessos a língua inglesa além da sala de aula. Então a relação muda. As mídias nos trazem uma nova relação com o ensino de língua inglesa.”

Pergunta 6: “Trabalho a língua inglesa através de textos, pois entendo que facilita contextualização dos conteúdos abordados. Exploro a pronúncia, a tradução, as expressões vocabulares, através de textos, músicas, explicações gramaticais e dramatizações. Procuro fazer explicações em inglês e utiliza o máximo possível das atividades em inglês.”

Pergunta 7: “Procuro dar algumas dicas vocabulares para os alunos para que eles em grupos (em geral) consigam traduzir sem uso do dicionário. Fazendo assim raciocínios e relações com os vocábulos da língua.”

Pergunta 8:

*“Antes que o frio passe
eu darei meu melhor
e nada me fará parar
só uma intervenção divina
Penso que assim é uma oportunidade
de ganhar ou aprender algo.*

*Abra sua mente e veja
Abra seus planos e verá que você e livre
Olhe dentro do seu coração e
encontrará amor, amor, amor*

*Ouçã a música do momento
pessoas dançam e cantam
Nós somos uma grande família e
é o seu direito divino ser amado,
amado, amado.*

*Então eu vencerei sem hesitar.
Não se pode esperar, tenha certeza.
Não há necessidade de complicar,
nosso tempo é curto.
Este é o fato, eu sou seu.*

6º Entrevista:

A Escola Estadual de Ensino Fundamental *Manuel Bandeira* é uma escola pequena, com poucos alunos e, diferentemente das outras escolas, possui uma

relação de união entre os alunos (de diferentes turmas) e, ainda, com os professores. Essa união dá-se pelo fato de todos os alunos morarem bem próximos uns dos outros, relacionando-se além dos limites da instituição.

Pergunta 1

Victória: Você autoriza o uso dessa gravação para fins de pesquisa?

Entrevistada: Sim.

Victória: Poderia me dizer como foi tua formação? Estudou em qual instituição? Como foi o desenvolvimento do inglês do teu curso?

Entrevistada: Sim, na verdade tá sendo ainda, né, a formação. A gente sente muito a falta de prática, né, nós estudantes de inglês, eu vejo que, ... a gente é pobre na conversação, né, na prática do inglês.

Eu comecei na Unisinos, eu comecei Letras Português e Inglês, mas meu foco sempre foi inglês. Eu amo! Desde criança. E no terceiro semestre eu passei só para o inglês, porque, como eu pensei "vou aprender um pouco de cada um, mas eu quero aprender muito (ênfase) do inglês, troquei. Depois que eu troquei, "ah, tu é louca!" Ah, todo mundo que troca, né..., já trabalha com isso e eu não trabalhava e eu não tinha nunca feito nem cursinho de inglês. Era só paixão mesmo. Daí, ãh, eu senti necessidade de fazer o cursinho, né, daí eu comecei no Unilínguas, fiz o básico lá, o 1 e o 2 e foi onde eu tive certeza de que era o que eu queria, depois fui pro CNA e fiz todo o curso no CNA. Mas eu continuo, ãh, estudando e continuo sentindo essa necessidade, sabe? de praticar, de... porque a gente acaba ficando bitolada numa coisa ali e tu acaba, tu sabe, lecionando no estado, é aquilo ali pronto e não tem, tu não sai daquilo ali. Tu não tem como conversar, tu não tem como ampliar o teu mundo mundo, né, o teu vocabulário, então isso é bem, bem frustrante pra gente, eu acho. Eu sinto. (pausa) E agora tô no IF, né, Português e Inglês....

Victória: Tu sempre teve facilidade no inglês?

Entrevistada: (pausa) Defina facilidade.

Victória: Por exemplo, eu quando tive inglês a primeira vez eu tinha muito medo, assim, meu Deus, uma disciplina em língua estrangeira! e quando eu tive o primeiro contato, eu tive muita facilidade. Tem gente que tem muita facilidade nas exatas...

Entrevistada: Não, não, eu sempre fui das línguas e sempre fui do inglês, sempre! Eu gosto de espanhol, eu gosto de, de outros idiomas, mas o inglês sempre me fascinou. Assim, não vou dizer que quando eu era criança, eles perguntavam "o que tu quer ser? Professora de inglês?" Não, eu só quero falar inglês. Daí eu sempre dizia, eu, eu, hoje eu sou professora de inglês, né, eu amo, mas eu comecei português, literatura, ãh, licenciatura letras - inglês, por causa do inglês. Por Licenciatura em Letras, não me... não foi o que me chamou, entende? Foi o inglês. É o que eu amo. Sempre.

Victória: Sabe que isso também foi pra mim. Eu não sabia o que fazer depois da escola e eu fiquei pensando: "ai, o que eu vou fazer?" e aí eu pensei que a coisa que eu mais gosto é inglês, então por aí. Poderia me dizer como foi o início da tua carreira?

Entrevistada: (suspiro) Eu comecei... na verdade eu comecei a minha vida de trás pra frente, né. Eu casei com 17, tive os filhos, construí minha família e depois eu fui estudar. E no quarto semestre a gente já tem oportunidade de começar a trabalhar; eu ganhei 11 cadernos de chamada e Deus te abençõe. Esse foi o apoio que eu tive (risos). 11 cadernos de chamadas nos braços, eu peguei o EJA também, nem, na época eu ajudei a construir... no caso, foi o município, né, na minha cidade, eu ajudei a construir o... (pausa), os conteúdos programáticos, que eles não tinham. Então é bem... tu sabe, não é muito diferente isso. Tu recebe os cadernos de chamada e daí quando tu pergunta, ou tu

vai atrás, né, que nem agora eu troquei de escola. Peguei uma escola nova e tenho um EJA também, eu queria, né, ter um, algo pra me basear, pra saber o que que é dado. “É difícil achar. Ninguém sabe onde está”, né, mas a gente tem que meter o peito e desbravar, né.

Victória: Sim... Como é que foi o EJA? Assim, o inglês para o EJA?

Entrevistada: Eu gosto, porque eu acho que eles... é bem básico, tem que ser bem, tu tem que ser muito sucinta, na verdade é bem difícil tu escolher o que que é importante. Tu tem que pegar, né, o... (pausa). Mas o bom é que eles tão ali, porque eles querem aprender. Diferente das crianças ou diferente... então é um, acaba sendo um desafio, porque muitas pessoas que tão ali, pararam de estudar há muito tempo. Na época deles não tinha inglês, né, não fizeram na escola, então tu tem que... é bem desafiante assim, é bem...

Victória: Como era a relação professor-aluno quando tu estudava? E como tu tenta manter tua relação com os teus alunos? Como eram os teus professores contigo e tu agora como professora com os teus alunos?

Entrevistada: Ai, essa é uma pergunta bem difícil, a gente ouve quando a gente tá começando: “tu não pode te envolver, tu não pode.... o professor é um nível superior, tem que tá acima”, sabe? Isso é uma coisa que não tem como, sabe? Na minha opinião. Claro, eu acho que a gente traz muito da personalidade da gente pra profissão, né, só que tu tá lidando com pessoas, tu não tá lidando com números ou com objetos. Tu tá lidando com sentimentos, então assim, eu sempre respeitei meus professores, eu sempre admirei. Eu acho que isso é uma característica fundamental, de admirar teu professor, né? Porque no fundo, como eu brinquei ali, ah, quando eu crescer quero ser igual a ele, é isso que um professor sempre foi, né.

Claro, hoje em dia a profissão tá bem... mas é aquele que tá lá na vitrine que a gente olha e... quero me espelhar nele, né, ou nela, então eu acho que isso é fundamental, assim. Eu procuro ser amiga dos meus alunos... claro que, né, tem um limite pra tudo mas, em primeiro lugar eu acho que tu tem que conquistar eles e fazer eles te verem como uma pessoa, sabe; que tu não ali só pra ferrar com a vida deles, né, porque, ainda mais na nossa disciplina, não é uma disciplina que... ela causa duas reações: ou eles amam ou eles odeiam. Não tem meio termo. Então assim, eu acho que vai muito do professor. Se eles gostarem do professor, eles vão acabar gostando da disciplina, né, a gente não tá aí pra ferrar com a vida de ninguém, né?

Victória: Sim... O que tu vê que mudou de lá prá cá? De quando tu era aluna e agora como professora?

Entrevistada: (longa pausa) Bah, o que eu posso te dizer?... (pausa) Algumas coisas que eu vi, sabe, e penso que tudo é lição. Tanto as ruins quanto as boas, né, algumas coisas que eu vi, ou que fizeram que eu só penso “isso eu não vou fazer”, sabe, algumas atitudes, algumas coisas que colegas falaram ou até professores fizeram pra mim, sabe? Falaram, que me marcou, mas jamais vou fazer isso com os meus alunos. Sabe? E, mas mudança, assim, eu não noto muita, muita... significativa assim...

Victória: Qual é o teu método de ensino? Tu fala em inglês com os teus alunos? Por quê?

Entrevistada: Assim, claro que se a gente entrar falando em inglês o tempo todo, eles não vão gostar, né, eles vão até vai chocar, né? Só que eu procuro... no começo eu tava meio perdida. Eu não sabia o que fazer. Porque se tu falasse em inglês, eles não iam entender nada, se tu não fala... e aí a maioria diz: “não, não fala, só dá um livrinho, dá uma coisa pra copiar, uma coisa pra traduzir... Era isso o que eu ouvia direto: “nós vamos fazer e tal” só que eu acho... nossa, eu sou totalmente contra isso, né, primeiro porque música é a última coisa, né? Até porque, tu sabe que o contexto é... E depois porque não é essa a função da gente, né? Tu tem que ensinar a função das coisas, tu tem que ensinar... hoje eu procuro assim, eu converso com eles, explico e aí falo de novo em inglês e aí de novo eu repito em português, que foi aquilo que eu disse, né... e eles até... teve um que disse “nossa, sora, tu fala em inglês!”... Hello, sou professora de inglês! “Ah,

mas é porque eles nunca falam inglês com a gente”. Aí foi onde eu vi que eu tava no caminho certo, então hoje eu faço muito isso. Eu criei até uma frase de sala de aula: ‘Can I go to the bathroom?’, ‘Can I go drinking water?’, ‘Can I borrow a pen?’. A gente e tal e eles gostam. Nada pode ser imposto! Tem que ser... tem que deixar eles à vontade. Trabalhar a pronúncia, pra eles se sentirem a vontade. Eles gostam disso. Eu tento colocar o... maior vezes possível a fala no inglês, mas eu, quando eu vejo que eles tão, né, patinando ou com vergonha, eu mudo, daí. Passamos pro português, depois vai de novo, no outro dia, na outra aula. É que dois períodos semanais é bem complicado, também. Não precisava ser tão pouco.

Victória: A minha última pergunta seria... como tu trabalha a tradução nas tuas aulas?

Entrevistada: (pausa) Pois é. O que eu gosto de fazer, principalmente em música e todos me pedem: “Sora, a gente vai trabalhar música?” Eu olho... a internet é uma... eu sou apaixonada, é um instrumento de muita ajuda pra gente. Coloca ali: “música pra trabalhar Simple Present”, te dá trocentas mil. O que eu gosto de fazer, muitas vezes, tipo, a gente faz tipo uma brincadeira e eles escolhem a música e aí eu pego três parecidas e eu chego pra eles e digo: “hoje eu vou ler um poema, eu vou ler alguma coisa pra vocês” e aí eu começo a ler a tradução. Prestem atenção, aí eu começo a tradução. Sem dizer, sabe, sem falar que eu tô lendo uma música e aí eles começam a prestar atenção e daí quando eu digo “gostaram?”, “sora eu não entendi nada que a senhora falou, não faz sentido” E eu: “pois é, isso é uma música que vocês cantam!” - “Capaz que eu vou cantar isso aí”, aí quando eu coloco, que eu levo o meu celular e mostro pra eles, né, aí já chama a atenção deles pra tradução. Aí eu digo: “viu como é importante vocês saberem o que vocês tão cantando, vocês tão falando?”.

Uma vez eu fiz um trabalho ali no Manuel Bandeira, no 9º ano, que eles tinham que contar a história da música e apresentar para os colegas e o colega tinha que tentar acertar qual era a música. Aí eu lembro de uma que colocou assim “a música que eu escolhi, eu gostava muito dela”. Ela começou assim... “ela fala... macaco vê, macaco faz e eu não sei por que” e aí ela falava, “eu hoje eu realmente não sei porque eu gostava dessa música!” aí ela virou pra mim e disse “sora, que decepção! Nunca mais eu vou conseguir cantar uma música em inglês sem saber o que ele tá dizendo! Como eu era boba” (risos) Sabe, e isso é muito legal, sabe, só que é difícil tu trabalhar a tradução, tu sabe disso, porque tu tem que explicar muita coisa, tem que explicar e tu não tem tempo pra isso. Então eu procuro fazer assim na maioria das vezes, eu levo, pego uma música simples, que nem, pro Simple Present eu peguei Imagine do John Lennon que tem bastante né... verbo simples e aí coloco pra eles completar com verbo e depois a gente trabalha a tradução. Vemos o contexto em alguma coisa que a gente já viu e, assim, a tradução literal que é trabalhada em cursinho, a gente não consegue trabalhar, infelizmente, mas a gente tenta...

Victória: Muito obrigada por contribuir!

Entrevistada: De nada!

Pergunta 8

*Antes que o frio passe
Eu vou fazendo o meu melhor
E nada vai me deter, apenas a intervenção divina.
Eu reconheço, é minha vez de vencer algo
ou aprender algo.*

*Então abre sua mente e veja como eu
Amplie seus horizontes e seja livre
Consulte seu coração e você encontrará
amor, amor, amor*

*Escute o momento, pessoas dançam e cantam
Somos uma grande família.
É seu direito divino ser amado, amado, amor*

*Então eu não hesitarei, não mais, não mais,
Isto não pode esperar, estou certo não há necessidade de complicar,
nosso tempo é curto.
É nosso destino, sou seu.*

4.2 ANÁLISES DA TRADUÇÃO PELO VIÉS DISCURSIVO

Neste capítulo serão analisadas as entrevistas de forma a relacioná-las com os dois tipos de tradução mencionados em um momento anterior, ou seja, um referente ao método tradução palavra-por-palavra e outro pela tradução por equivalência, subdividindo-os por estrofes.

Para melhor identificação, as traduções serão apresentadas em ordem, como no capítulo anterior, dispostas, por abreviações como T1, T2 e assim por diante, sendo T igual à tradução. Na música original temos o seguinte trecho:

Quadro 1:

Original	Traduções
<p><i>Before the cool done run out I'll be giving it my bestest And nothing's going to stop me but divine intervention I reckon it's again my turn to win Some or learn some</i></p>	<p>T1: “Antes que o frio se vá Eu darei o meu melhor E nada irá me parar <u>Mas</u> a intervenção divina <u>Acho</u> que é a minha vez de vencer novamente. Ou aprender algo.</p>
	<p>T2: “Antes do frio passar Eu darei o me _____* E nada irá me parar <u>Somente</u> a intervenção divina <u>Acho</u> que é a minha vez de ganhar novamente Algo ou aprender algo.</p>
	<p>T3: “Antes que o frescor passe eu darei meu melhor nada me deterá apenas a intervenção divina. Eu imagino que seja minha vez novamente de ganhar ou aprender algo.</p>
	<p>T4: Antes que o frio se esgote Eu estarei dando o meu melhor E nada vai parar me <u>Mas</u> a divina intervenção Eu acredito q é minha vez de vencer algo novamente e aprender algo</p>
	<p>T5: Antes que o frio se esgote Eu estarei dando o meu melhor E nada vai parar me <u>Mas</u> a divina intervenção Eu acredito q é minha vez de vencer algo novamente e aprender algo</p>
	<p>T6: Antes que o frio passe Eu vou fazendo o meu melhor E nada vai me deter, <u>apenas</u> a intervenção divina. Eu reconheço, é minha vez de vencer algo ou aprender algo.</p>

Para começar as análises, compreende-se que se deva fazer de maneira isolada, ou seja, por trechos. Antes de aplicar a entrevista, foram selecionadas partes da música, totalizando em quatro excertos. Isso se deu considerando que os professores participantes não teriam tempo hábil para se debruçarem sobre uma

música inteira. Dessa forma, percebe-se dos professores-tradutores, de maneira mais ampla que no primeiro trecho, é utilizado mais da tradução por equivalência do que a tradução palavra-por-palavra.

Tem-se como exemplo que, nas primeiras duas linhas, T1 segue a perspectiva da tradução por equivalência, uma vez que, se seguisse a tradução palavra-por-palavra, iria criar novas frases, sem coerência, como por exemplo: *cool - legal. done* - particípio de ‘do’, logo, fazer; e *out* - sair, fora.

As linhas 3, 4, 5 e 6 apresentam que a entrevistada utilizou da tradução palavra-por-palavra e em alguns casos resultou em um deslize de sentido. Chama-se atenção para as linhas 4 e 5, nas palavras utilizadas “mas” e “acho”.

Na língua inglesa, considerando o dicionário *online* de inglês-português da *Cambridge Dictionary*¹⁰, encontramos a palavra “but” com duas possíveis traduções: uma como conjunção, “mas”, e outra como exceção. O mesmo uso por “mas” acontece com a T4 e T5.

Ao utilizar “mas”, as entrevistadas transformam a tradução, deixando-as incoerentes. É perceptível que, durante a leitura de inglês para português, nesse método que estamos acostumados de decodificação, principalmente quando somos iniciantes na língua inglesa, encontram-se diversos “but” em uma frase, e em sua maioria é utilizada no sentido de conjunção “mas”. São poucos os momentos em que são utilizados como exceção. Acredita-se, desta forma, que as entrevistadas, em função do pouco tempo que tinha para a realização desta questão, ao ver “but”, não o interpretou (e o traduziu) como uma exceção.

Assim, parafraseando a ideia de Orlandi (2005), não tendo acesso à letra original, as entrevistadas (T1, T4 e T5) traduzem no sentido de palavra-por-palavra, tendo a ilusão de acreditar que o que foi dito não poderia ser dito de outra forma, pois não lembraram desta exceção da regra do uso do “but” naquele momento, e assim acabaram por transformar o texto.

As T2, T3 e T6 seguem a regra do uso de “but” de maneira adequada para essa situação, utilizando-se, entretanto, de sinônimos da palavra “exceção”, com o uso de “somente” (T2), e “apenas” (T3 e T6).

Já na linha 5, a frase “*I reckon it’s again my turn to win*”, ao utilizar de “acho”, percebe-se que T1 e T2 optaram por uma tradução de caráter de equivalência, um

¹⁰ Disponível em: <<<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/>>>

vez que, no uso de "acho", ao invés de "reconheço", faz-nos pensar que as pessoas têm dificuldades em acreditar no seu potencial próprio, o que leva a utilizar meios termos como "acho", ao invés da afirmação, como na letra, de que "reconhece que merece ganhar algo".

Buscando o entendimento do inconsciente laciano utilizado pela AD, entende-se que o sujeito-tradutor é interpelado em ideologia, ou seja, o discurso produzido pela entrevistada, a partir da primeira estrofe, é "heterogeneamente constituído" (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 9).

Na T3, é utilizado o termo "imaginar" que, diferente de "achar" (que atribui certa dúvida em relação ao merecimento do sujeito), leva-nos a pensar sobre a "fantasia" do sujeito de se colocar numa posição de que algum dia seu esforço será notado e prestigiado, sendo esse posicionamento completamente ilusório. Em contrapartida, temos a T4 e T5 que confirmam esse merecimento com a palavra "acreditar", indo ao encontro de outro viés dessa ilusão.

Orlandi (2005, p. 50) diz que "[...] o sujeito gramatical cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz". Ele acredita ser o dono do dizer, de manifestar o que ele pensa de forma ideal, pois o sujeito em que se acredita, segundo a Análise do Discurso, é interpelado em ideologia e assujeitado pelas condições de produção. Então, neste uso de "imaginar", supõe-se que na tradução a opção por esse termo deu-se por se acreditar que um dia esse esforço seria notado e prestigiado, enquanto os sujeitos que utilizaram "acreditar" têm a convicção de que esse merecimento será efetuado.

Por fim, a T6 é a única tradução que é fiel à perspectiva da tradução palavra-por-palavra, pois usa a palavra "reconhecer" para traduzir a palavra *reckon* da música. Utilizando-se da fidelidade, a entrevistada opta por uma tradução de caráter domesticador dentro da teoria da tradução, tornando-se "invisível" no texto.

Venuti (1996, p. 93) apresenta justamente esta questão ao afirmar que "*translating can never simply be communication between equals because it is fundamentally ethnocentric*", ou seja, os embates existentes no ato de traduzir sobre a fidelidade *versus* infidelidade e visibilidade *versus* invisibilidade são questões

decorrentes do tradutor no que tange essa perspectiva das línguas “sobreporem-se”¹¹ umas sobre as outras.

Quadro 2:

Original	Traduções
<p><i>Well open up your mind and see like me Open up your plans and damn you're free Look into your heart and you'll find love love love</i></p>	<p>T1: Bem, abra sua mente e veja como eu. Abra seus planos e, droga, você é livre. Olhe para dentro do seu coração e Você encontrará amor, amor, amor.</p>
	<p>T2: Bem abra a sua mente e me veja Abra os seus planos e dane-se você está livre. Olhe para dentro de seu coração e Você achará o amor, amor, amor.</p>
	<p>T3: Bem abra sua mente e veja como eu Libere seus planos e dane-se você é livre. Olhe para o interior de seu coração e você encontrará amor, amor, amor</p>
	<p>T4: Abra sua mente e veja como eu Abra seu planos e maldição você está livre Olhe em seu coração E você encontrará amor, amor e amor</p>
	<p>T5: Abra sua mente e veja Abra seus planos e verá que você é livre Olhe dentro do seu coração e encontrará amor, amor, amor</p>
	<p>T6: Então abre sua mente e veja como eu Amplie seus horizontes e seja livre Consulte seu coração e você encontrará amor, amor, amor</p>

É possível observar que no segundo trecho é utilizada mais a tradução palavra-por-palavra do que a tradução por equivalência. Percebe-se, também, o risco que o sujeito-tradutor corre ao traduzir desta maneira. Observemos a T1. A entrevistada segue tal qual o trecho original, o que confere a sua tradução maior fidelidade. Entretanto, essa fidelidade causou uma questão muito interessante de

¹¹ Essa “sobreposição” dá-se por um viés ideológico-social, o qual está enraizada na sociedade que, pelo fato de os Estados Unidos serem uma potência mundial, pela economia, principalmente, essa visibilidade nas mídias, ela se torna referência e um “exemplo a ser seguido”. Isso contribui para aquele imaginário de que o outro (o inglês) é melhor que o nosso (português).

mudança de sentido na utilização da palavra “droga” para a tradução de *damn*. Novamente se recorre ao dicionário da *Cambridge Dictionary*. A palavra *damn* tem como significado os seguintes conceitos: como de expressar raiva (droga), desapontamento (a algo ou alguém), intensidade (muito) e, por um viés mais informal, “não dar a mínima”.

No âmbito da música, o que mais se encaixa nesta descrição é o último conceito de “não dar a mínima” ao que os outros dizem sobre você e agir da forma como mais considera adequada. Porém, na T1, ao escrever “droga”¹², a entrevistada “quebra” com toda a harmonia e sentido da música, porque na frase original, e sua respectiva tradução “*open up your plans and damn you’re free*” (*Abra sua mente e damn você é livre*), o uso de “damn” refere-se ao sujeito ser livre. Por isso, não deve “dar a mínima” para os outros. Ou seja, T1, ao dizer “droga”, apresenta um descontentamento ao fato do sujeito ser livre. Aproveita-se para acrescentar a tradução desta mesma palavra por T4, que utiliza “maldição” para a palavra “damn”.

O tradutor é tido como um mediador entre autor e leitor, capaz de aproximar ou afastar o leitor da obra (SCHLEIMERMACHER *apud* PIUCCO, 2008, p. 178). Desta forma, é necessário compreender que no processo da tradução primeiro mobiliza-se um texto, depois um sujeito-tradutor (considerando a AD) interpreta este texto em outra língua e o traz para sua língua materna. Ou seja, é dada tamanha responsabilidade ao tradutor que, dependendo das condições de produção em que esse sujeito está assujeitado, a produção de sentido pode ser outra, ao invés da esperada.

As T2 e T3 utilizam “dane-se” para traduzir “damn”, o que se encaixa com o âmbito da música que se refere à pessoa não se importar com os outros, pois é livre. A T5 ignora a tradução de *damn*, mas, na escrita, acredita-se que tenha se esquecido do acento agudo, o que deixa o “é” - afirmação - para “e” - conjunção-, contribuindo para uma frase sem sentido.

Outro ponto que chama a atenção, considerando os perigos da tradução palavra-por-palavra, dá-se na T2, cuja letra apresenta-se da seguinte forma: “Well, *open up your mind and see like me*”. “See like me”, traduzindo-se para o português “veja como eu”. A entrevistada escreveu “me veja”, mudando, mais uma vez, o foco

¹² “Expressar desagrado” (<http://dicionario.priberam.org/droga>)

da tradução para outra perspectiva de “se ver algo como uma determinada pessoa vê”, para “ver a pessoa”.

Durante o processo de tradução, o tradutor deve decodificar as palavras, trazendo-as com sentido para sua língua materna. Peço licença para fazer alusão à corrente *Desconstrutivista* de Derrida para melhor compreensão. Derrida (2005) defende que a tradução não se trata de uma análise, um método ou uma crítica, mas sim de um acontecimento inevitável, do qual, no processo de tradução, toda palavra “não extrai seu valor senão de sua inscrição em uma cadeia de substituições possíveis” (DERRIDA, 2005, p. 26). Para, então, compreender o sentido que essa palavra leva na língua materna, é preciso analisar as questões que levaram essa palavra a ter um sentido e não outro.

Não se pode justificar o que levou, de fato, a T2 fazer de uma forma e não de outra, pois já foi dito e escrito. O que se pode fazer é analisar possíveis hipóteses para essa problemática. E uma delas foi um possível esquecimento no ato da tradução da palavra “like”, que resultou no efeito que a entrevistada causou. Ela transformou o texto, levando a mensagem para outra perspectiva, pela simples ausência do “like” - como. Defende-se, a partir desta breve pincelada em Derrida, que sua perspectiva dá-se nesses embates em que a tradução “(...) está sempre entre o intraduzível e o traduzível” (OTTONI, 2005, p. 41) .

A T6 foi a única que seguiu completamente pôr uma perspectiva de tradução por equivalência, resultando na criação de outra frase, dentro, ainda, da ideia proposta pela original. Desta forma, levanta-se a hipótese de que o:

tradutor é traidor... Trai o texto - e se trai - [mesmo que dentro da ideia original] que traduz por deparar com a falta, falta na língua para a qual traduz, falta que se denuncia pela impossibilidade de transpor sentidos, pela incapacidade de fazer coincidirem as palavras numa língua e na outra, falta que constitui o sujeito e a linguagem - incompletos, híbridos, disformes (CORACINI, 2007, p. 193).

A tradução se dá por conflitos internos do tradutor. Dá-se pela ausência, pela falta, pelas especificidades das línguas únicas que mexem e, muitas vezes, impedem o tradutor de transformar, de levar, fazendo com que ele crie o novo a partir da base estrangeira.

Quadro 3:

Original	Traduções
<p><i>Listen to the music of the moment people dance and sing We just one big family and It's your God-forsaken right to be loved love loved love loved</i></p>	<p>T1: Escute a música do momento Pessoas dançam e cantam Somos apenas uma grande família e É seu direito divino Ser amado, amar, amado, amor...”</p>
	<p>T2: Escute a música do momento Pessoas dançam e cantam Nós somos apenas uma grande família e É o seu direito divino Ser amado, amor, amado amor, amado</p>
	<p>T3: Ouça a música do momento as pessoas dançam e cantam Somos apenas uma grande família É seu direito divino ser amada, amada, amada, amada, amada</p>
	<p>T4: Ouça a música do momento Pessoas dançam e cantam Nós somos somente uma grande família e Isto é seu direito divino Ser amada, amada 4x</p>
	<p>T5: Ouça a música do momento pessoas dançam e cantam Nós somos uma grande família e é o seu direito divino ser amado, amado, amado.</p>
	<p>T6: Escute o momento, pessoas dançam e cantam Somos uma grande família. É seu direito divino ser amado, amado, amor</p>

Todas as traduções seguiram a tradução palavra-por-palavra, tendo, em sua maioria, a eficiência da fidelidade, não alterando o sentido do texto. Entretanto, a T6 é a única que “quebra” a harmonia e sentido do texto, pelo esquecimento da música.

Quando se fala em tradução, pensamos, quase sempre, em fidelidade. Ela é tida como um elemento fundamental no processo tradutório. Para se ter fidelidade, precisa-se ter um sujeito que, como defendido por Pêcheux (1995), tem a ilusão de ser dono do dizer e, ainda, a ilusão de tudo dizer sem deixar faltas lacunas.

O que acaba acontecendo, muitas vezes, é que essas lacunas são abertas, deixando dúvidas sobre o sentido da frase. A T6 mostra-nos que se “escuta ao momento” e não “a música do momento”. A entrevistada mexe com a sintaxe, promovendo um fragmento, uma incompletude do real dizer. Para isso, acredita-se que o sujeito-tradutor sofre a instabilidade de influências externas que o levam a dizer de uma forma e não de outra, considerando, inconscientemente, estar deixando-se um material completo. Isso, segundo Coracini (2007), torna o sujeito “instável, inefável, incapaz de controlar os efeitos de sentido de seu dizer e de encontrar a verdade” (CORACINI, 2007, p.172).

Quadro 4:

Original	Traduções
<p><i>So I won't hesitate no more, no more It cannot wait, I'm sure There's no need to complicate, our time is short This is our fate, I'm yours</i></p>	<p>T1: Não traduziu este trecho.</p>
	<p>T2: Então eu não hesitarei mas, não mais Ele não pode esperar, eu tenho certeza. Não há necessidade de complicar, nosso tempo é curto Este é o nosso destino. Eu sou sua.”</p>
	<p>T3: Então não hesitarei mais Não dá para esperar, tenho certeza Não há necessidade de complicar, nosso tempo é certo Este é o nosso destino, Eu sou seu.”</p>
	<p>T4: Então eu não .esitarei não mais, não mais Não posso esperar, estou certo Não existe necessidade de complicar, nosso tempo é curto Este é nosso destino, eu sou seu...</p>
	<p>T5: Então eu vencerei sem hesitar. Não se pode esperar, tenha certeza. Não há necessidade de complicar, nosso tempo é curto.</p>

	Este é o fato, eu sou seu.
	T6: Então eu não hesitarei, não mais, não mais, Isto não pode esperar, estou certo não há necessidade de complicar, nosso tempo é curto. É nosso destino, sou seu.

Este é o último trecho que foi apresentado e traduzido pelas entrevistadas. A entrevistada da T1 não participou deste trecho. Assim, daremos continuidade a partir da T2. É interessante pensar que as professoras utilizaram mais da tradução palavra-por-palavra para darem conta deste processo, mais ainda por este método possibilitar outras interpretações a partir de um mesmo texto.

T2 é a única que traduz “I’m yours” como “sou sua”. Apesar dela seguir a tradução palavra-por-palavra, a palavra “yours”, no inglês, é atribuído tanto para o gênero masculino quanto feminino, mas ela, ao utilizar assim, promove uma maior visibilidade para si do que as traduções restantes, que optam pelo gênero masculino “sou seu”.

Essa visibilidade, promovida pela linha estrangeirizadora (defendida por Venuti) da tradução dá-se na decorrência de que é “impossível que a linguagem do tradutor possa ter a mesma estrutura da de seu autor o tempo todo” (SCHLEIMERMACHER apud PIUCCO, 2009, p. 178), já que, por mais que o sujeito tradutor, que tem acesso às diferentes linhas de pesquisa dentro dos estudos tradutórios, policie-se, tentando seguir por um viés mais domesticador, logo, fiel, acaba escorregando na esfera discursiva e se deixando transparecer por trás do texto.

5 CONCLUSÃO

Durante a investigação do processo de tradução neste trabalho, percebe-se que ambos os métodos, tradução por equivalência e tradução palavra-por-palavra, foram utilizados. Entretanto, notamos um alto índice de opção de tradução palavra-por-palavra. Acreditamos que a escolha deste método se dá inconscientemente.

Também, não se pode descartar que, quando nos deparamos com uma língua estrangeira da qual temos o mínimo de conhecimento, (in)conscientemente,

tentamos atribuir sentido ao texto estrangeiro. Desta forma, a tradução palavra-por-palavra possibilita esse processo de construção de sentido.

Após analisar as entrevistas, foi possível perceber o porquê da afirmação de que a tradução nunca é fiel. Por mais que tentemos, minuciosamente, traduzir um texto tal qual, escorregamos nesta esfera discursiva, possibilitando nossa própria visibilidade.

O método de tradução dominante, que se percebeu nas entrevistas, foi a tradução palavra-por-palavra. Por mais que este método propicie uma melhor e mais fácil compreensão do texto, muitos desvios de sentido foram evidenciados. Isso se deu, também, pelo uso dos falsos cognatos (palavras escritas de maneira semelhantes em duas línguas distintas) que, lembrando algumas palavras da Língua Portuguesa, direcionou o sentido das entrevistadas.

Estes direcionamento e visibilidade ocorreram, pois todo sujeito é interpelado em ideologia. Deixamo-nos transparecer em um texto, pois somos sujeitos afetados pela história e condições externas outras. E, a partir disso, é impossível alguém se policiar tanto (o que não foi neste caso, pois ocorreu de maneira mais descontraída) a ponto de manter a perfeição do que seria, ilusoriamente, uma tradução ideal.

Os professores que tentam diversificar seus métodos de ensino podem e devem utilizar-se de novidades para os alunos, partindo para além do livro didático. Acreditamos que a música é um instrumento que cativa a atenção dos alunos e possibilita que o processo de aprendizagem ocorra em condições de produção melhores diminuindo a aversão de aprender outra língua.

Por fim, faz-se necessário ressaltar o desafio de se relacionar os estudos tradutórios aos estudos discursivos, uma vez que são poucos os estudos na Análise do Discurso considerando a tradução. Isso, por um lado positivo, significa que este trabalho contribui para novas perspectivas no campo de estudos de Pêcheux, envolvendo a tradução.

6 REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença. Martins Fontes, 1974.

_____. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974 (título original:

Idéologie et appareils idéologiques d'État, 1970).

II SEAD -Seminário de Estudos em Análise do Discurso[recurso eletrônico]. *Anais*. Porto Alegre:UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.analisedodiscorso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html>>ISSN 2237-8146

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP, dez. 1990.

BASSNETT, S. (1980). *Translation Studies*. London and New York: Routledge; revisited edition, 1991.

BENJAMIN, W. *The Task of the Translator [first printed as introduction to a Baudelaire translation, 1923]*. In.: *Illuminations*, ed. H. Arendt, trans. Harry Zohn, New York: Schocken, 2000 pp. 69-82.

BRANDÃO, H.H.N. *Introdução à análise do discurso*. 2.ed. rev. Campinas, SP.: da Unicamp, 2004.

Cicero, M. T. *De inventione, De optimo genere oratum, Topica*, trans. H. M. Hubell, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1949.

CORACINI, M. J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado letras, 2007.

DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. Tradução de Érica Lima. In: OTTONI, Paulo (org.). *Tradução: a prática da diferença*. 2.ed.rev. Campinas, SP: Unicamp, 2005.

DRYDEN, J. (1680). Metaphrase, paraphrase and imitation. in SCHULTE, R.; BIGUENET, J. (eds). *Extracts of "Preface to Ovid's Epistles"* 1992, pp. 17-31

FERREIRA, M.C.L. *Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso*. v. 24, n. 48, 2010. A pesquisa em Análise do Discurso no PPG-Letras/UFRGS e sua expansão institucional. Disponível em: <<<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636>>> acesso em: 24/07/2018

_____. *O quadro atual da análise de discurso no Brasil*. In: FREDAINURSKY. (Org.). *Michel Pêcheux e Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: claraluz, 2005.

_____. O caráter singular da língua no discurso. *Organon* (UFRGS), Instituto de Letras/UFRGS, v. 17, n.35, p. 189-200, 2003.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama. O enunciado e a polifonia em Bakhtin. In: *Leitura: revista do programa de pós-graduação em letras e lingüística: número temático: discurso, história, sujeito e ideologia*, n. 30, jul./dez. 2002.

FROTA, M. P. A interpretação na análise do discurso e nos estudos da tradução. In: FREDAINURSKY; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007, v. , p. 391-400.

_____. A interpretação na Análise de Discurso e nos estudos da tradução. *Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Porto Alegre, RS, 2005.

GHANOONI, A. R. A Review of the History of Translation Studies. *Theory and Practice in Language Studies*, v. 2, n. 1, pp. 77-85, 2012.

HENRY, P. A história não existe? Trad. por José Horta Nunes. In: ORLANDI, E. (org.) *Gestos de Leitura*. Campinas: Unicamp, 1994. p.29-54

JEROME, E. H. (St Jerome) (395) CE/1997). „De optime genere interpretandi“ (Letter 101, to Pammachius), in *Epistolae D. Hieronymi Stridonensis*, Rome: Aldi F., (1565), pp. 285-91, translated by P. Carroll as „On the best kind of translator“, in D. Robinson (ed.) (1997b), pp. 22-30.

LANZETTI, R. *Quadro histórico das teorias de tradução*. In.: VIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA. I CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, RJ, Série VIII, n.03, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno_03.html> Último acesso em: 26 jun. 2018

MOUNIN, G. *Os problemas teóricos da tradução*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

MRAZ, J. *I'm yours. We Sing. We Dance. WeSteal Things*. 2008. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/jason-mraz/im-yours-traducao.html>> Último acesso em: 26/06/2018.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12.ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

OTTONI, Paulo. *Tradução manifesta: doublebind& acontecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: EDUSP, 2005.

_____. *Tradução: a prática da diferença*. 2.ed. ver. Campinas, SP: Unicamp, 2005

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, pp.61-161, 1969.

_____. (1975). *Les Vérités de la Palice*, Maspero, Paris, trad. Bras. *Semântica e Discurso*, E. Orlandi et alii, Editora da Unicamp. In: ORLANDI, Eni. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2015

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1995.

PIUCCO, Narceli. Sobre a (in)visibilidade do tradutor na tradução: algumas referências teóricas e opiniões de tradutores literários. *Revista Trama (UNIOESTE. Online)*, v. 4, p. 177-187, 2008.

PYM, A. *Explorando as teorias da tradução*. Anthony Pym; [tradução Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri, Juliana Steil]. 1.ed. – São Paulo: Pespectiva, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. 1857-1913. *Curso de Linguística Geral*. 27.ed. São Paulo :Cultrix, 2006.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os diferentes métodos de Tradução*. Tradução de Margarete von Mühlen Poll. In: PIUCCO, Narceli. Sobre a (in)visibilidade do tradutor na tradução: algumas referências teóricas e opiniões de tradutores literários. *Revista Trama (UNIOESTE. Online)*, v. 4, p. 177-187, 2008.

TARGUM, História Antiga da Bíblia. BELIEVE Religious Information Source website. 2012. A Christ Walk Church Public Service. Disponível em: <<http://mb-soft.com/believe/ttxm/targum.htm>> Acesso em: 22/06/2018, às 15:17.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. In: *Palavra* 3. (1995) 111-134. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro, 1995. Tradução de: The translator invisibility: In: *Criticism*. V XXXVIII, n.2, Spring 1986, Wayne state UP, pp. 179-212.

VOSS, J. Formações Imaginárias em Comentários sobre a Aprovação da União Civil Homossexual. In: I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, 2011, Vitória - ES. *Anais...* 2011. p. 97-100.